



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ CURSO DE EDUCAÇÃO
FÍSICA – LICENCIATURA INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
E ESPORTES – IEFES**

MARIETA SALES DE LIMA

**O ATLETISMO NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA A
PARTIR DA ABORDAGEM CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA**

FORTALEZA 2019

MARIETA SALES DE LIMA

**O ATLETISMO NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA A
PARTIR DA ABORDAGEM CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva

FORTALEZA 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L699a Lima, Marieta Sales de.
O atletismo na escola : uma experiência pedagógica a partir da abordagem crítico-emancipatória / Marieta Sales de Lima. – 2019.
45 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva.

1. Atletismo. 2. Proposta Pedagógica. 3. Educação Física Escolar. 4. Crítico-emancipatória. I. Título.
CDD 790

Monografia submetida como requisito à aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II para obtenção do título Licenciada em Educação Física pelo Instituto de Educação Física e Esportes, pertencente à Universidade Federal do Ceará.

Banca examinadora

_____ Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva - Orientador

_____ Prof^a. Dra. Maria Eleni Henrique da Silva

_____ Prof. Dr. Luiz Sanches Neto

Aprovado em ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus que iluminou meu caminho durante essa jornada. À minha família por todo o carinho, incentivo e apoio constantes.

Aos meus amigos Bia, Amanda Ellen, Lucas, Amanda Taiane e Gabriel por cada momento compartilhado, que me ajudaram a crescer no âmbito pessoal e profissional. Agradeço também ao meu namorado José Brendo, que de forma especial me deu suporte durante as crises de estresse e ansiedade, sempre dizendo com um otimismo inabalável “vai dar certo”.

Ao meu orientador Eduardo Vinícius Mota e Silva pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho.

Aos membros da banca composta pelos professores Dra. Maria Eleni Henrique da Silva e Dr. Luiz Sanches Neto, e à professora Dra. Luciana Venâncio por sua colaboração.

RESUMO

Este trabalho aborda uma experiência de ensino do Atletismo a partir da abordagem Crítico-Emancipatória. Seu objetivo foi descrever a aplicação desta abordagem em uma turma de 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública do município de Maranguape. A pesquisa desenvolvida possui caráter qualitativo e consistiu na observação participante das aulas ministradas e na aplicação de questionário para avaliação da proposta, a partir da percepção da turma. A análise dos dados foi feita por meio da observação das aulas desenvolvidas e pela análise dos dados obtidos por meio do questionário. Foi possível perceber a importância da categoria Linguagem para o bom desenvolvimento da proposta. Percebeu-se também que as aulas contribuíram para estimular a capacidade criativa, reflexiva e crítica dos alunos. Ressalta-se o nível de importância dado ao conteúdo ministrado, que aliado às atividades lúdicas promoveu um processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso para os estudantes. Assim, levando em consideração a estratégia didática adotada nas aulas, pode-se concluir que a proposta de ensino do Atletismo fundamentada nos pressupostos da abordagem Crítico-Emancipatória obteve resultados positivos.

Palavras-chave: Atletismo; Proposta Pedagógica; Educação Física Escolar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Espaço para as aulas de Educação Física.....	25
Figura 2 – Aula de Salto em distância.....	31
Figura 3 - Gráfico 1. Nível de importância do conteúdo Atletismo.....	36
Figura 4 - Gráfico 2. O que mais gostou nas aulas?.....	37
Figura 5 – Gráfico 3. As aulas contribuíram para estimular sua capacidade criativa, reflexiva e crítica?.....	37
Figura 6 – Gráfico 4. O que menos gostou nas aulas?.....	38
Figura 7 – Gráfico 5. Qual tema apresentado você mais gostou?.....	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL.....	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
3. REVISÃO DE LITERATURA	12
3.1 O ATLETISMO NA ESCOLA.....	12
3.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	14
3.3 AS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS DA EF.....	16
3.4 A ABORDAGEM CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA.....	19
4. METODOLOGIA	21
4.1 NATUREZA DO ESTUDO.....	22
4.2 PROCEDIMENTOS.....	23
4.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	23
4.4 LOCAL E PARTICIPANTES.....	23
5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	23
5.1 O ESPAÇO PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	23
5.2 AS AULAS DESENVOLVIDAS.....	25
5.2.1 Introdução ao Atletismo.....	25
5.2.2 Corridas de velocidade.....	28
5.2.3 Salto em distância.....	31
5.2.4 Arremesso do peso.....	33
5.3 QUESTIONÁRIO.....	35
6. CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS	44
ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA.....	44
ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO FINAL.....	45
ANEXO 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	47

1. INTRODUÇÃO

O Atletismo pode ser considerado a primeira forma organizada do esporte. Suas

habilidades desenvolveram-se a partir dos movimentos inerentes do homem. Correr, saltar e lançar foram as principais formas que o homem utilizou para sua sobrevivência. Em seguida, a prática destas habilidades se transformou, trazendo um caráter competitivo, visando encontrar o mais rápido, o mais forte, o mais ágil entre os homens. Essa breve contextualização sobre a origem do Atletismo deveria ser de conhecimento geral ao se falar de Educação Física (EF). Crianças e adolescentes deveriam estar aprendendo, nas aulas de Educação Física, o surgimento dessa prática. O atletismo é considerado um conteúdo clássico da Educação Física (EF) e precursor das demais modalidades esportivas (MATTHIESEN, 2007) e, portanto, deveria fazer parte de qualquer programa de Educação Física Escolar. No entanto, o Atletismo ainda é um conteúdo pouco contemplado nas aulas de EF. Sobre isso, os argumentos apontados na literatura indicam que uma minoria de escolas oferece aos alunos a infraestrutura necessária para a prática da modalidade tendo em sua maioria espaços físicos deficientes para a prática de esportes (neste caso o atletismo) (MEZZARROBA et al., 2006). Dessa forma, como nos mostram os estudos de (SILVA et al, 2015), muitos professores ainda pensam que o Atletismo na escola precisa conservar suas características de esporte oficial, o que contribui para que esse conteúdo não seja ensinado nas escolas de forma plena. A partir dessa realidade, os autores consideram importante a realização de “novos estudos que investiguem, principalmente, os métodos utilizados pelos professores para o ensino da modalidade no ambiente escolar, de modo que, ao ser ensinado, isso seja feito com a qualidade que merece” (SILVA et al, 2015, p.1119).

Com isso, torna-se necessário a utilização de novas metodologias para romper com o ensino descontextualizado não somente do Atletismo, mas de todas as manifestações da cultura corporal do movimento que estão carentes no que diz respeito ao seu trato pedagógico. Como apontam Betti e Zuliani (2002, p. 80):

A Educação Física e seus professores precisam fundamentar-se teoricamente para justificar à comunidade escolar e à própria sociedade o que já sabem fazer, e, estreitando as relações entre teoria e prática pedagógica, inovar, quer dizer, experimentar novos modelos, estratégias, metodologias, conteúdos, para que a

Educação Física siga contribuindo para a formação integral das crianças e jovens e para a apropriação crítica da cultura contemporânea.

No que diz respeito ao Atletismo, o que se tem criticado em relação ao seu ensino nas aulas de educação física, atualmente, é o caráter competitivo imposto e os métodos que visam o desenvolvimento de atletas, com os conteúdos limitados somente para a prática das corridas e saltos. O Atletismo se configura como uma importante manifestação da cultura corporal, que trata do movimento humano e todas as suas expressões, e por isso, é necessário se pensar em outras dimensões de sua prática e não apenas no alto rendimento.

Seguindo essa linha, em seu livro *Transformação Didático-pedagógica do Esporte*, Elenor Kunz (1994) propõe uma reflexão sobre as possibilidades de ensinar o esporte, através de sua transformação didática e pedagógica, visando contribuir para a reflexão crítica e emancipatória dos alunos. Kunz aponta uma crítica ao ensino do esporte de maneira padronizada, visando somente o rendimento e busca romper com esse modelo, sugerindo novos métodos para contribuir com a formação crítica dos estudantes. A proposta de Kunz revela a preocupação com a hegemonia do esporte na escola, ao mesmo tempo que se pensa na formação integral do aluno. Desse modo, a escolha da abordagem Crítico-Emancipatória está propositalmente relacionada com as possibilidades da sistematização do atletismo enquanto conteúdo.

Sendo assim, a escolha do tema deste trabalho também se deu pela afinidade que tenho com a modalidade Atletismo, assim como pela necessidade de se ampliar as estratégias e conteúdos a serem trabalhados na EF, a fim de contribuir para a formação integral dos alunos durante a educação básica. Além disso, esta pesquisa trará contributos para reflexões sobre a necessidade de uma inclusão mais sistemática do atletismo nas aulas de Educação Física. A relevância do tema se apresenta pela necessidade de se pensar mais no papel da didática e da teorização pedagógica para a orientação docente, pois como aponta Caparroz e Bracht (2007, p.22) “temos nos deparado, com frequência cada vez maior, com depoimentos e indagações sobre como realizar e organizar o trabalho docente em educação física na escola”. Assim, há a necessidade de mais estudos que tratem da organização pedagógica, para que haja uma articulação entre a teoria que sustenta a área da Educação Física e a teoria que busca sua legitimidade através de sua organização curricular. Dessa forma, o presente estudo propõe a implementação de aulas do conteúdo Atletismo em uma turma de Ensino Médio, elaborando uma unidade didática e realizando a avaliação das aulas desenvolvidas.

2.OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Aplicar uma proposta de ensino para o conteúdo Atletismo a partir da abordagem Crítico-Emancipatória em uma turma do Ensino Médio de uma escola pública de Maranguape-Ceará.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estruturar uma unidade de ensino do Atletismo a partir da abordagem CríticoEmancipatória.

- Avaliar a intervenção com base nos objetivos da proposta crítico-emancipatória.

- Descrever o processo de implementação de uma proposta de ensino do atletismo pautado na abordagem crítico-emancipatória.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo abordará, inicialmente, a situação atual do atletismo na escola, seguida da abordagem da historicidade da Educação Física e suas principais abordagens pedagógicas, com destaque a crítico-emancipatória.

3.1 O ATLETISMO NA ESCOLA

O Atletismo se configura como uma manifestação da Cultura Corporal de Movimento, sua evolução de práticas de sobrevivência para o esporte é produto de suas mudanças culturais. Portanto, o Atletismo faz parte dos conteúdos da Educação Física assim como a Ginástica, Dança, Capoeira e outras práticas. No entanto, mesmo considerado componente da Educação Física, sua prática tem sido negligenciada no contexto escolar em detrimento dos esportes coletivos. Segundo (MATTHIESEN, 2005), apesar de ser visto com um esporte base para outras modalidades, sua abordagem na escola ainda é precária.

Diversos estudos têm procurado conhecer e explicar os motivos para essa situação permanecer. Discursos sobre infraestrutura e, falta de materiais oficiais na escola são os que dominam os discursos dos professores. Em revisão sistemática, Silva et al (2015) observaram que a questão da infraestrutura foi apontada por cerca de 20% a 38% dos professores como impeditivos ao ensino do Atletismo, ao passo que entre 34% a 87% dos professores o entendem como um elemento que dificulta. Esse pensamento revela a formação tecnicista de alguns professores que se preocupam apenas com aspectos oficiais do esporte, como aponta Bracht (1992), pois apesar da Educação Física possuir um leque de objetivos, como a cooperação e o sentimento de grupo, objetivo da escola se tornou somente a aprendizagem do esporte. Nesse âmbito, Marques e Iora (2009) afirmam que se for pensado somente no esporte oficial, realmente nenhuma escola estaria adequada para o ensino da modalidade, no entanto, deve-se pensar em possibilidades didáticas, tentando fazer com que o atletismo se torne o “atletismo da escola”.

A discussão sobre estrutura e materiais para o ensino do Atletismo tem sido

recorrente na literatura, e possíveis soluções são apontadas, desde uso de materiais e espaços adaptados, à utilização de metodologias diferentes entre outros. Porém, essa continua sendo a justificativa para a quase inexistência dessa modalidade.

Independente da estrutura disponível, seria ideal que o atletismo fosse ensinado nas escolas, de acordo com as possibilidades espaciais, cercado pelos cuidados com segurança, adaptação de materiais, em um clima livre de pressões, respeitando o limite subjetivo de cada aprendiz, ou seja, mais centrado em seus elementos básicos (correr, saltar e arremessar/lançar). (GOÉS et al, 2014, P. 98).

Outra questão a ser discutida sobre o Atletismo na escola é sobre as provas que devem ser “ensinadas”. Correr, saltar e lançar são compreendidas como habilidades físicas de base, e estão presentes em quase todas as modalidades esportivas. Por sua vez, nos artigos investigados por, Silva et al (2015) notou-se a ênfase no ensino das corridas, com índices que variaram entre 48% a 100% das vivências. Os saltos aparecem em segundo lugar, com índices entre 12,5% e 81,2%, sendo que são ensinados, principalmente, o salto em distância e o salto em altura. Goés (2014), em sua investigação também obteve resultados semelhantes, em relação aos arremessos, lançamentos, saltos em altura e o triplo, apenas dois professores relataram que desenvolvem essas modalidades nas aulas de Educação Física.

Diante disso surge a indagação: Por que isso acontece? Muitos podem ser os motivos, dentre eles a tão debatida falta de estrutura e materiais, sendo o ensino das corridas uma prática sem a necessidade latente desses dois elementos. No entanto, um ponto a ser considerado está estritamente ligado à formação do professor. Nesse âmbito, tratando da esportivização na escola, Soares (1999) nos diz que a insegurança dos professores em relação a conteúdos que não dominam os influenciam a trabalhar com os conteúdos que possuem mais afinidade. Assim podemos identificar mais um possível motivo para a pouca frequência de ensino desse conteúdo, que é, possivelmente, uma formação docente precária e antiquada, visando aprendizagem de habilidades motoras para demonstrações durante as aulas.

Além dessas considerações pode-se trazer à tona também, mais um dos motivos para o Atletismo não ser ensinado nas escolas, que é a questão cultural de nosso país. A hegemonia esportiva, mais precisamente dos esportes coletivos. A Educação Física tem carregado há vários anos essa característica, de utilizar o esporte

pensando no rendimento, em formar atletas. Sendo o futebol, o fenômeno esportivo do Brasil, infelizmente, seu ensino na escola ainda tem esse objetivo.

A seguir, será apresentado um breve histórico da Educação Física, importante para se compreender as mudanças relacionadas a área escolar.

3.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física pode se utilizar do movimento tanto como objetivo quanto como ferramenta para se conhecer as diversas manifestações da cultura corporal dentro do contexto escolar. Dança, ginástica, capoeira e o próprio Atletismo são alguns dos conteúdos deixados em segundo plano, sendo preferencialmente utilizados os esportes coletivos como conteúdo e objetivo único da Educação Física. Sabe-se que a Educação Física passou por diversas mudanças ao longo do último século e, por isso, muitas tendências ainda influenciam o ensino dos professores.

A inclusão oficial da Educação Física na escola ocorreu no século XIX, com a Reforma Couto Ferraz, em 1851. Depois se tem a obrigatoriedade da ginástica e dança, no primário e secundário, respectivamente. Outra reforma importante foi a de Rui Barbosa, que recomendava que a ginástica fosse obrigatória para ambos os sexos e oferecida para as escolas, no período denominadas de normais (DARIDO, 1999). Entretanto somente na década de 1920 que os estados realizam suas reformas e incluem a Educação Física, dado que essas reformas citadas anteriormente só ocorreram no Rio de Janeiro e em escolas militares (BETTI, 1991).

Na década de 1930, surge a perspectiva higienista, com a preocupação com os hábitos de saúde e higiene, utilizando-se do exercício para a valorização do desenvolvimento físico e da moral. Em seguida aparecem os métodos ginásticos que buscavam a capacitação dos indivíduos para a prosperidade da nação. Assim, estes indivíduos, fortalecidos pelo exercício físico estariam mais aptos para contribuir para a indústria nascente e exército (SOARES et al, 1992). No modelo militarista, o objetivo da Educação Física na escola era quanto a formação de uma geração para ser atuante na guerra, selecionando os indivíduos fisicamente perfeitos. Segundo

Darido (1999) tanto a concepção higienista quanto a militarista consideravam a Educação Física como uma disciplina prática, sem necessidade de uma fundamentação teórica.

Podemos sintetizar assim, que, até a década de 40 o principal pensamento que fundamentava a Educação Física decorria dos movimentos ginásticos europeus, tendo como conteúdo a ser ensinado na escola a própria ginástica com a essência de exercícios militares. A esportivização surge na década de 50, tendo sua ascensão entre 1969 e 1979, onde os governos militares investem na Educação Física como suporte ideológico na qual se buscava projetar a imagem do Brasil como potência, tentando extrair críticas e transparecer um clima de prosperidade. Desse modo, a Educação Física era utilizada na promoção do país através do êxito nas competições de alto nível (DARIDO, 1999). Com sua influência, o esporte constrói uma transformação na escola, tornando-se conteúdo hegemônico. O rendimento, repetição mecânica de movimentos, o papel centralizador do professor, a seleção dos mais habilidosos, são aspectos característicos dessa fase histórica.

O esporte determina, dessa forma, o conteúdo de ensino da Educação Física, estabelecendo também novas relações entre professor e aluno, que passam da relação professor-instrutor e aluno-recruta para a de professor-treinador e alunoatleta. Não há diferença entre o professor e o treinador, pois os professores são contratados pelo seu desempenho na atividade desportiva. (SOARES et al, 1992, p.54).

Segundo Soares, o que constituía a aula tinha base na Fisiologia e não na Pedagogia:

Uma parte inicial da aula será destinada a um trabalho de natureza aeróbica, com um tempo para corridas e saltitamentos; numa segunda parte da aula vamos encontrar exercícios de força, flexibilidade e agilidade; numa terceira parte alojarse os fundamentos de um determinado jogo esportivo com sua posterior aplicação propriamente dita e, para finalizar, há uma volta à calma. (1996, p.9).

Como aponta Darido (2005, p.67) a Educação Física, contudo, ao longo de sua história, priorizou os conteúdos numa dimensão quase que exclusivamente procedimental, o saber fazer e não o saber sobre a cultura corporal ou como se deve ser. Embora esta última categoria aparecesse na forma do currículo oculto.

Apesar de muito criticado pela produção científica a partir da década de 80, o modelo esportivista continua sendo a principal concepção de ensino desenvolvida na escola. Percebemos diversos avanços na área da Educação Física, uma maior

preocupação com a saúde, aumento no número de praticantes de atividade física. Ou seja, uma suposta valorização da área. No entanto, não se enxergam mudanças na escola. O que vemos é um enraizamento de modelos educacionais ultrapassados.

Neste sentido, o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber porque ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual). (DARIDO, 2005, p. 68).

3.3 AS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

No final da década de 70 começam a surgir novos movimentos na Educação Física escolar em contraponto às concepções tecnicistas e esportivistas. São os chamados “movimentos renovadores” que tinham em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista. Diversas propostas surgiram, mas neste referencial serão abordadas as que tiveram mais destaque no meio científico.

Entre elas, primeiramente se destaca a Psicomotricidade, que pretendia até substituir o conteúdo de natureza esportiva. Segundo Soares, (1996), com a afirmação, num primeiro momento da Psicomotricidade nós vamos ter de um lado, um vigoroso envolvimento da Educação Física com as tarefas da escola, com o desenvolvimento da criança, com o ato de aprender (talvez bem mais do que com o de ensinar), com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores. Assim, percebe-se nessa concepção a utilização do movimento como um meio, uma ferramenta para se alcançar objetivos que poderiam não ter relação com a EF.

Naquele momento, a Educação Física não tem mais um conteúdo seu, ela é um conjunto de meios para... ela passa a ter um caráter genérico: será de reabilitação? de readaptação? de integração? Talvez ela tenha se tornado um pouco de tudo isto sem exatamente ser tudo isto. Afinal onde ficou a especificidade? (SOARES, 1996, p.9).

Na abordagem Desenvolvimentista “a ideia central é oferecer à criança oportunidades de experiências de movimento de modo a garantir o seu desenvolvimento normal, portanto, de modo a atender essa criança em suas

necessidades de movimento” (BRACHT, 1999, p.78). Assim, podemos perceber uma proximidade entre essas duas propostas que têm base teórica na psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem. A habilidade motora é o conceito mais importante dessa abordagem, tendo a Educação Física o objetivo de oferecer experiências adequadas para o nível de cada indivíduo, para que a aprendizagem das habilidades motoras seja alcançada.

Essa abordagem é apresentada nos trabalhos de Tani (1987) e Tani et al.,(1987). Neste último trabalho os autores defendem o movimento como o principal meio e fim da Educação Física, não sendo sua função desenvolver capacidades que ajudem na alfabetização. Nesse âmbito, ela se coloca em oposição ao que é visto na concepção da Psicomotricidade.

Segundo Darido (2003):

A proposta Desenvolvimentista é uma tentativa de caracterizar a progressão normal do crescimento físico, do desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivosocial, na aprendizagem motora e, em função dessas características, sugerir aspectos ou elementos relevantes para a estruturação da Educação Física Escolar (p. 4).

Na Educação Física há também os que defendem a perspectiva que chamamos de saúde renovada (DARIDO, 2003). Os autores, baseados em diferentes trabalhos, entendem que as práticas da atividade física vivenciada na infância e adolescência se caracterizam como importantes atributos no desenvolvimento de atitudes, habilidades, e hábitos que podem auxiliar na adoção de um estilo de vida ativo fisicamente na idade adulta.

Outra perspectiva importante é a Construtivista, que tem como objetivo a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, e para cada criança a construção deste conhecimento exige elaboração, ou seja, uma ação sobre o mundo. Nesta concepção a aquisição do conhecimento é um processo construído pelo indivíduo durante toda a sua vida, não estando pronto ao nascer. (DARIDO, 2005, p. 71). A partir disso, podemos entender a importância dessas propostas para a Educação Física, principalmente por trazerem avanços nos objetivos da EF, e de certa forma já pensando em formas de organizar o conteúdo da Educação Física. Em seguida aparecem duas propostas que têm como objetivo central fazer da crítica do papel da educação na sociedade capitalista (BRACHT,

1999, p.80). A proposta crítico-superadora, utiliza o discurso da justiça social como ponto de apoio e é baseada no marxismo e neomarxismo (DARIDO, 2003, p.8). O trabalho mais importante dessa abordagem, Metodologia do Ensino da Educação Física, desenvolvida por um Coletivo de Autores, acredita que considerações sobre a pedagogia devem versar não somente sobre como ensinar, mas também como adquirimos o conhecimento. Nessa concepção, existe a valorização da contextualização dos fatos e do resgate histórico no processo de ensino.

O eixo central da crítica que se fez ao paradigma da aptidão física e esportiva foi dado pela análise da função social da educação, e da EF em particular, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças (injustas) de classe” (SOARES et al, 1992, p. 78).

A abordagem crítico-emancipatória se apoia nos pressupostos da teoria crítica da escola de Frankfurt. A principal obra dessa concepção traz reflexões sobre as possibilidades para ensino dos esportes de um modo que a Educação Física possa contribuir para o questionamento crítico e emancipatório dos alunos. Elenor Kunz (1994) preconiza que o ensino escolar precisa se basear numa concepção crítica. E estas teorias, também chamadas progressistas, passaram a questionar as características da Educação Física, seu modelo esportivo/aptidão física e aspecto alienante, e buscavam propor novos modelos para superar as injustiças sociais, preocupando-se com a transformação social.

Assim, ambas as propostas sugerem procedimentos didático-pedagógicos que possibilitem, ao se tematizarem as formas culturais do movimentar-se humano (os temas da cultura corporal ou demovimento), propiciar um esclarecimento crítico a seu respeito, desvelando suas vinculações com os elementos da ordem vigente, desenvolvendo, concomitantemente, as competências para tal: a lógica dialética para a crítico-superadora, e o agir comunicativo para a crítico-emancipatória (BRACHT, 1999, p. 81).

Essas propostas mostram a renovação do pensamento pedagógico, pontuando novas formas de pensar a Educação Física no ambiente escolar. E passa a ter como princípio que ela torne-se mais de acordo com a função da escola e próximo da realidade. Nesse âmbito, a proposta de Kunz aparece com grande importância, por propor uma sistematização de ensino do Atletismo na escola, como será apresentado a seguir.

3.4 A ABORDAGEM CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA

A escolha da teoria Crítico-Emancipatória para a elaboração deste estudo está relacionada as possibilidades concretas de sistematização do atletismo enquanto conteúdo. Possibilidades que já foram esboçadas por Sousa e Kunz (1998), onde tematizam que o Atletismo, para que seja ensinado na escola, necessita passar por uma transformação didático pedagógica para abranger o campo de diferentes e significativas possibilidades de um “se movimentar”.

Essa abordagem, conforme visto anteriormente, faz parte do grupo de concepções denominadas críticas ou progressistas, que questionam o caráter alienante da Educação Física na escola. Ou seja, essa abordagem se preocupa com transformações sociais. O principal autor dessa teoria no Brasil, Elenor Kunz, apresenta a concepção crítico-emancipatória no sentido de propor mudanças na metodologia de ensino da Educação Física e também pensando nas condições da prática pedagógica. Sua obra de maior destaque é, denominada “Transformação Didático-Pedagógica do Esporte” (1994). Segundo Darido (2001) as concepções pedagógicas apresentadas na obra de Kunz, trazem a transformação de questões essenciais para o trabalho escolar da EF, onde o papel do professor é considerado fundamental, principalmente para ser sujeito ativo no processo de ensino.

O papel do professor na concepção crítico-emancipatória é confrontar, num primeiro momento, o aluno com a realidade do ensino, a qual Kunz denomina de “transcendência de limites”. Essa forma de ensinar pela transcendência impõe três fases importantes:

A primeira onde os alunos descobrem através de experiências manipulativas, formas e meios para uma participação bem-sucedida em atividades de movimento e jogos. A segunda fase consiste na manifestação, seja pela linguagem ou representação cênica, o que experimentaram e o que aprenderam numa forma de exposição. E na terceira fase, os alunos devem aprender a perguntar e questionar sobre suas aprendizagens e descobertas, com a finalidade de entender o significado cultural da aprendizagem. (DARIDO, 2003, P.16).

Kunz entende que o esporte está sendo ensinado na escola de forma padronizada, visando atender um objetivo de rendimento, o que é preconizado pela sociedade. Assim, para se criar o esporte que possa ser praticado na escola, é preciso conhecer e analisar quais são os interesses e necessidades dessa instituição. Segundo

Kunz (1994) o esporte como conteúdo hegemônico impede o desenvolvimento de objetivos mais amplos para a Educação Física, tais como o sentido expressivo, criativo e comunicativo. Assim, há uma necessidade de mais estudos que tratem da organização pedagógica, para que haja uma articulação entre a teoria que sustenta a área da Educação Física e a teoria que busca sua legitimidade através de sua organização curricular. O trabalho de Elenor Kunz apresenta três categorias como suporte para desenvolver a proposta de ensino tendo a didática comunicativa como ponto central, que são as seguintes categorias:

o trabalho, considerando este como um processo racionalmente organizado, plano fechado que requer entendimento entre os alunos com o professor, que leva ao desenvolvimento da competência objetiva; a interação, que se refere ao entendimento entre as partes, referenciadas na primeira categoria, e que leva ao desenvolvimento da competência social; e como última categoria, a linguagem, sendo esta a base da interação (IORA, MARQUES, 2013. p.553).

Segundo Kunz (1994, p.37) pela categoria do trabalho, o ensino segue um processo racionalmente organizado e sistematizado para alcançar progressivamente melhor performance física e técnica para as práticas esportivas. A partir da categoria do trabalho Kunz explica que essa categoria requer um entendimento dos alunos entre si e com o professor, pressupondo, portanto, a interação social, onde exige competência dos alunos de um agir solidário e o professor deve conduzir o ensino democraticamente. Com as interações alunos-alunos, alunos-professor e professor-alunos promove a categoria da linguagem, onde se há diversas formas de se manifestar e buscar entendimento pela via de linguagem.

Assim, a estratégia metodológica na abordagem crítico-emancipatória traça um caminho a ser percorrido para o desenvolvimento de uma aula. A primeira etapa, também chamada de transcendência de limites pela experimentação, inicialmente se trabalhando com o arranjo material descobrindo no próprio contexto escolar elementos que contribuem para a experiência, com a manipulação desses materiais. A etapa de transcendência de limites pela aprendizagem onde aprendem formas de correr, saltar e arremessar com auxílio da técnica tradicional. A etapa de transcendência de limites criando propõe novas formas de correr, saltar e arremessar ainda não vivenciadas.

Com isso, Kunz (1994), defende a inclusão de conteúdos teórico-prático que tornam o conteúdo esporte transparente, permitindo aos alunos a melhor

organização da realidade do esporte. Segundo o autor, o homem conhece o mundo através do se-movimentar, estabelecendo uma relação de homem-mundo no mundo vivido e enquanto sistema. O conteúdo para o ensino dos esportes para o ensino da Educação Física não pode ser apenas prático, deve ser também problematizado. Além das análises críticas do esporte, deve ser oferecida a oportunidade de tematizar o esporte de diferentes formas e perspectivas.

Para Kunz, o ensino na concepção crítico-emancipatória deve ser um ensino de libertação de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, criados e construídos nos alunos pela visão de mundo que apresentam a partir do conhecimento. Dessa forma, o autor explica que o ensino escolar necessita se basear numa concepção crítica, pois é pelo questionamento crítico que se chega à compreensão da estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade que formam as convicções, interesses e desejos. Como aponta Iora (2010), para que se possa contribuir com a disseminação do Atletismo na escola, é necessário se fundamentar nas bases teóricas das propostas pedagógicas, pois estas propostas trazem o caminho para a superação dos modelos tradicionais imposto na área da EF escolar.

4. METODOLOGIA

A seguir serão descritos os desdobramentos metodológicos do presente estudo, desde sua natureza às formas de análise de dados. A pesquisa foi dividida em três momentos: Conhecimento da turma e avaliação diagnóstica através de questionário (conhecimento das experiências prévias dos alunos); planejamento da intervenção e intervenção (planejamento e intervenção - 6 encontros) e aplicação de questionário sobre as aulas (avaliação da intervenção).

A partir dos dados coletados no questionário inicial, foi elaborada uma unidade ensino composta por 7 aulas, divididas pelos três grupos de provas do Atletismo (corridas, saltos e lançamentos). Para melhor compreensão da estrutura e dinâmica das aulas, será apresentado a seguir um modelo de atividade proposto por Iora (2010):

- Primeira etapa (transcendência de limites pela experimentação)
- Experiências de corridas rasas de velocidade
- corrida velocidade individual;
 - corrida de velocidade em duplas;
 - corrida de velocidade saída alta e baixa;
 - discussão com as principais dificuldades e êxitos encontrados pelos alunos;

Segundo os autores, nessa primeira etapa, os alunos têm o primeiro contato com a modalidade, trazendo suas experiências socioculturais para o ambiente escolar, podendo ser compartilhadas nesse momento.

4.1 NATUREZA DO ESTUDO

Atualmente, a abordagem qualitativa, por meio de seus diferentes subtipos de pesquisa, tem apresentado grande número de pesquisas no meio científico, principalmente em estudos das ciências sociais. Segundo Godoy (1995):

De maneira diversa, a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (P.58)

“Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. No tipo de abordagem qualitativa, valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada (GODOY, 1995, p.62)”. Nesse sentido, este estudo se caracteriza como qualitativo porque busca conhecer os sujeitos pesquisados em profundidade, além de utilizar métodos e instrumentos abertos. A pesquisa também possui caráter quantitativo por fazer uso de questionário para coletar dados numéricos. Segundo Dalfovo, Lana e Silveira (2008) este tipo de pesquisa consiste em coletar dados numéricos, por meio de questionários e entrevistas na quais se apresentam variantes importantes e diferentes para a pesquisa, cuja análise é, geralmente, realizada por gráficos e/ou tabelas.

4.2 PROCEDIMENTOS

Como procedimento para a coleta de dados, foi utilizado o diário reflexivo, que se caracteriza como uma narrativa sobre a prática, na qual o estudante ou o profissional pode relatar quais foram suas reflexões e suas ações em determinada situação, permitindo o acesso ao pensamento, fixando a ação no contexto em que ela ocorre, e explicitando suas compreensões, em um movimento que permite retornar à experiência (Rodgers, 2002; Cunha, 1997). A partir da observação, foram feitas anotações sobre os acontecimentos das aulas a fim de serem analisadas e que contribuíssem para a pesquisa.

O processo de narrar a própria experiência possibilita ao sujeito reconstruir sua

trajetória e lhe oferecer novos sentidos, estabelecendo uma relação dialética entre experiência e narrativa, mediada pelos processos reflexivos (Rodgers, 2002; Cunha, 1997). A pesquisa também se utilizou de um questionário final a fim de avaliar as intervenções a partir da percepção dos alunos, que continham 10 questões, sendo 9 de múltipla escolha e uma questão aberta.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

Como técnica para análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo. Serão

analisadas as anotações do que foi observado nas aulas. Essa metodologia de pesquisa é usada para interpretar e descrever o conteúdo de textos e documentos, buscando atingir a compreensão de seus significados. Segundo Moraes (1999):

Essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constituído-se em mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias. (P. 2).

4.4 LOCAL E PARTICIPANTES

No caso deste estudo, o local escolhido foi a Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Eunice Weaver, do município de Maranguape, região

metropolitana de Fortaleza. A escola foi escolhida devido à questões de acessibilidade.

A intervenção foi realizada com uma turma do 1º ano do ensino médio, o público tinha em torno de 15 anos de idade, tendo a turma 36 alunos matriculados. As aulas ocorreram pela tarde, de acordo com o cronograma da disciplina de Educação Física da turma. Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assegurar sua participação.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa. Inicialmente abordará questões relativas ao espaço onde ocorreram as aulas. Em seguida serão apresentadas as aulas desenvolvidas, divididas em 4 subtópicos com a temática de cada uma. Por fim, serão discutidos os dados do questionário final.

5.1 O ESPAÇO PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A escola de tempo integral, localizada no município de Maranguape conta com 8 salas de aula, sendo apenas uma climatizada. Em algumas salas, os ventiladores não funcionavam. Existiam, também, outros problemas de infraestrutura, como , por exemplo, a não existência de ginásio para as aulas de Educação Física. As intervenções, portanto, tiveram que ocorrer em outro espaço, neste caso no estacionamento (figura 1), pois este era o único espaço disponibilizado pela escola para esta prática. Como este era descoberto, em dias de chuva não havia aula prática. Dessa forma, duas aulas foram canceladas por conta da chuva, já que estavam planejadas aulas práticas. No cronograma do trabalho, estavam previstos sete encontros, sendo possível realizar apenas quatro, pois outra aula teve que ser cancelada em virtude de a escola estar sem água. Sobre os problemas de espaço e infraestrutura, no estudo de (SILVA et al., 2015, p. 1117) nos artigos investigados observa-se que a infraestrutura para as aulas de Atletismo continua sendo dramática,

pois é apontada tanto como causa para o seu não ensino (entre 20% a 38% dos professores) quanto como um elemento que o dificulta seu ensino (34% a 87%). No caso do presente estudo, mesmo com espaço reduzido, foi possível desenvolver este conteúdo:

como forma de o professor “compensar determinadas carências em termos de condicionamento físico e/ou técnico para a prática pretendida, como permitir que a aprendizagem realmente ‘transcenda os limites’ do ‘saber fazer’ e alce voos cada vez mais altos (KUNZ e SOUSA, 2006, p.23).

A turma observada apresentava uma relação amigável, havendo pequenos grupos mistos. Não havia, por exemplo, diferentemente do que acontece, a separação entre meninos e meninas.

Figura 1- Espaço para as atividades



5. 2 AS AULAS DESENVOLVIDAS

São apresentadas na sequência as atividades planejadas bem como seu desenvolvimento.

5.2.1 Introdução ao Atletismo

Antes de iniciar a elaboração da unidade didática, ocorreu um encontro com a turma para realizar a aplicação de uma avaliação diagnóstica e a entrega do TCLE. A partir dos resultados, foi possível perceber que a turma conhecia vagamente o Atletismo, pois nunca tiveram aula sobre esse tema, tendo algumas obtido esta informação somente pela televisão.

Segundo Betti (1998, p.37):

Para a televisão, importa tanto a forma de mostrar o esporte, como seu conteúdo. Uma consequência imediata é a fragmentação e a distorção do fenômeno esportivo, pois a televisão seleciona imagens esportivas, e as interpreta para nós, propõe um certo "modelo" do que é "esporte" e "ser esportista". Mas, sobretudo, fornece ao telespectador a ilusão de estar em contato perceptivo direto com a realidade,

Dessa forma, foi feito o planejamento de uma aula de introdução ao Atletismo, com o objetivo de contextualizar a modalidade, permitindo aos alunos uma aproximação inicial e mais geral.

AULA 1: Tema: Introdução ao

Atletismo Duração: 50 minutos.

Objetivos: - Conhecer e discutir a definição de Atletismo.

- Identificar as provas do Atletismo.

- Contextualizar o atletismo na atualidade.

Metodologia: 1º momento: Dividir a turma em pequenos grupos e pedir que escrevam uma definição do que é Atletismo. Após isso, fazer uma breve análise das respostas. (Categoria do trabalho)

2º momento: Pregar imagens das modalidades pela sala para a turma observar, sugerindo que os alunos comentem suas percepções sobre as imagens e indagando quais práticas eles conhecem, se já viram na televisão etc.

3º momento: Ainda em grupos, cada equipe receberá imagens das provas de atletismo tendo que nomeá-las. O professor indagará se o grupo acha possível ensinar esta prática na escola. (Categoria do trabalho)

5º momento: Contextualizar o atletismo no âmbito do rendimento e no âmbito escolar.

6º Pedir que o grupo faça um desenho que represente a modalidade que desejam aprender durante as intervenções. Em seguida, pedir para que justifiquem. (Categoria da linguagem)

Tarefa de casa: distribuir texto para leitura em casa. A história do Atletismo.

Materiais: Sala de aula, imagens das provas de Atletismo, cartolina, texto A história do Atletismo.

Referências: KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógico do esporte. Ijuí, RS:Unijui, 1994. 152p.

Desenvolvimento da aula:

A turma foi dividida em grupos pela sala e lhes foi pedido que discutissem a definição de Atletismo. Em seguida, cada grupo deveria ler sua definição para o restante da turma, promovendo assim uma reflexão mais ampla. Diversas respostas foram expostas como: [...] é uma modalidade esportiva que tem como função os movimentos como correr (que é uma modalidade) também é usado no dia-dia e nos Jogos Olímpicos [...].

[...] envolve salto, corridas, arremessos. Atletismo é um esporte só, e é importante pro nosso dia a dia porque aprendemos a correr, saltar [...].

[...] é um conjunto de esportes por várias pessoas, por exemplo: ciclismo, natação, em busca de uma vida saudável [...]

[...] atletismo é uma modalidade olímpica e é muito conhecido pelo mundo todo [...]. [...] é uma forma de se exercitar e praticar algum esporte que gastem caloria, como: natação, ciclismo, corrida, ginástica [...].

Essas respostas que apresentam o Atletismo com a ideia de Atividade Física nos fazem questionar o próprio significado de Educação Física para a turma, e nos faz questionar também como aponta Silva et al., (2015, p.1116):

até que ponto os professores realmente ensinam a modalidade ou apenas se utilizam de suas habilidades motoras sem se referenciarem a ela. É o que ocorre, por exemplo, quando se afirma ensinar atletismo porque se utiliza atividades que envolvem corrida, como é o caso do jogo de pega-pega.

Ou seja, os alunos sabem o que é a corrida, e pensam que ela está atrelada ao bemestar físico, e por isso fazem a ligação com o Atletismo, com as provas que já viram na televisão.

Diante das respostas, foi possível explicar a definição de Atletismo, assim como o que é Esporte, Atividade Física, Ginástica. Em seguida, foram disponibilizadas imagens de algumas provas de Atletismo em cada grupo, sendo pedido para que tentassem identificar o nome de cada uma diante da sala. Nesse momento, foi apresentado o nome correto das provas, solucionando as dúvidas da

turma. Podemos afirmar que essa primeira aula, se utilizou mais da categoria linguagem.

a linguagem, categoria central e problematizadora das ações, que possibilita ao aluno transcender os limites da prática instrumental irrefletida; promovendo a categoria da interação entre professores e alunos, mediação simbólica nas ações comunicativas, através de relações entre a realidade, o professor e os alunos contribuindo para o esclarecimento do conteúdo. (IORA, 2012, p.48).

No momento seguinte, os alunos deviam produzir um desenho que representasse a prova que gostariam de conhecer nas aulas. Por último, lhes foi perguntado se seria possível aprender Atletismo no espaço que a escola oferecia, ao que a maioria da turma respondeu que sim. Segundo Kunz (1994) o uso da linguagem no processo de ensino deve ser orientado para que o aluno passe do nível de “fala comum”, sobre fatos e fenômenos, para o nível do discurso, momento em que são compartilhadas as chances de participação e todos podem expressar suas ideias e intenções.

5.2.1.2 Corridas de velocidade

AULA 2: Tema: Corridas de velocidade

Duração: 50 minutos.

Objetivos: - Conhecer as provas de velocidade do Atletismo

- *Identificar técnicas das corridas de velocidade*
- *Vivenciar atividades de corridas* Metodologia:

(Transcendência de limites pela experimentação)

Atividade 1: Experiência de corrida de velocidade individual (Categoria do trabalho- Competência objetiva)

Correr em todas as direções, em ritmo moderado, desviando-se dos colegas. Ao sinal do professor, parar de frente para um colega, cumprimentá-lo batendo com as duas mãos juntas no ar. Em seguida continuar correndo.

Atividade 2: Experiência de corrida de velocidade em duplas (Categoria da Interação – Competência comunicativa) ARRASTÃO: É um pega-pega, mas quem for pego deve segurar na mão do outro pegador e, juntos, deverão pegar os demais. Mas nenhum pegador pode se soltar das mãos dos companheiros.

(Transcendência de limites pela aprendizagem)

Atividade 3: Jogo sol e sombra: Em duplas, posicionados um de costas para o outro em cima da linha central da quadra, um aluno é sol e o outro é sombra. Sempre o primeiro nome for falado pelo professor corre (pegador) e o outro nome foge. TRABALHAR TEMPO DE REAÇÃO. (Categoria do trabalho – Competência objetiva). Saída em várias posições (em pé, sentado, decúbito ventral, decúbito dorsal, etc.) Discussão das principais dificuldades encontradas nas atividades (buscar soluções de problemas - Categoria da Interação – Competência comunicativa)

Atividade 4: Educativos

Para o problema de aumentar a velocidade propomos a tematização do seguinte exercício – demarcação de um espaço com cones ou outro material onde os alunos, de acordo com suas características individuais conseguem dar certo número de passos no espaço entre os cones. Problematisa-se para os alunos diminuir o número de passos anteriormente dados, caracterizando assim a Amplitude de passadas (stride) – sincronismo aumentando a velocidade. Outra possibilidade é a Elevação exagerada joelhos (denominado skipping alto) – onde tematiza-se a indução de que o aluno levante os joelhos até a altura da cintura, com os braços perpendiculares ao corpo num ângulo aproximado de 90°, e também a Elevação exagerada dos calcanhares (skipping atrás) – com o corpo ligeiramente inclinado à frente, encoste os calcanhares nos glúteos. (Categoria do trabalho – Competência objetiva) Saída Baixa: 5 apoios e 4 apoios. (Transcendência de limites criando)

Pedir para a turma identificar brincadeiras que estimulam a corrida.

Atividade 5: Jogo da velha

Divididos em dois grupos; o jogo será montado com os arcos. Ao sinal do professor, o primeiro de cada grupo deverá correr para demarcar seu ponto no jogo. Vence a equipe que completar o jogo da velha primeiro. (Categoria trabalho – competência objetiva) Conversa final com a turma sobre as percepções, dificuldades, êxitos.

Materiais: Coletes, cones, arcos.

Referências: KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógico do esporte. Ijuí, RS:

Unijui, 1994. 152p.

Desenvolvimento da aula:

A segunda aula seguiu a sugestão dos alunos, apresentando o tema das corridas de velocidade. Os alunos se mostraram bastante interessados sobre a prova de 100 metros rasos, citando várias vezes o nome de Usain Bolt. A aula se iniciou com uma experiência de corrida individual, com os alunos correndo pelo espaço e ao sinal do professor deveriam parar de frente para um colega e bater as mãos juntas no ar. A segunda atividade foi uma brincadeira de pega-pega, onde o aluno que fosse pego deveria ajudar a pegar o restante sem soltar as mãos, formando assim uma corrente. Portanto, essa atividade estimulava, através da ludicidade, a corrida em duplas. Além disso, buscava estimular a comunicação e por consequência, a interação entre os alunos. Para a etapa de Transcendência de limites pela aprendizagem foi proposto o jogo Sol e Sombra, em que divididos em duplas, com as costas unidas, o professor chamaria um nome, e o que fosse chamado primeiro fugiria e o outro seria o pegador. A atividade se encaixa na Categoria do trabalho, e tinha por objetivo trabalhar o tempo de reação. Ainda nessa etapa foi apresentada a saída baixa. No momento de execução da saída baixa, um aluno fez a demonstração e explicou que conhecia devido aos treinos de futebol. Este mesmo aluno demonstrou o skipping para a turma, realizando o movimento da corrida, flexionando e estendendo o joelho de forma rápida e controlada.

Ao serem indagados sobre as dificuldades, a maior parte dos alunos respondeu que a saída baixa era de fácil execução. Durante a realização da corrida, um aluno comentou sobre os braços do colega ao correr, explicando que pareciam descoordenados. Ao que foi perguntado para a turma qual deveria ser o movimento correto dos braços. Dessa forma, perceberam que os cotovelos devem ficar num ângulo de 90° e que os braços não devem cruzar em frente ao tronco. Os alunos realizaram a saída baixa, tentando manter os braços perpendiculares ao corpo num ângulo de 90° , e chegaram à conclusão de que correram mais rápido. Por último foi proposto o jogo da velha. Divididos em duas equipes, o primeiro da fila deveria partir, realizando o tipo de saída que lhe for mais apropriada (em pé, 4 apoios, 5 apoios) e correr para marcar o ponto no jogo, em seguida, retornar para o seguinte de sua fila correr. Vencia quem concluísse o jogo da velha. Ao final, os alunos

comentaram que foi uma atividade divertida, e reclamaram um pouco do espaço, que atrapalhava a corrida.

Percebe-se que se utilizando da Categoria do trabalho, os alunos puderam ter acesso à informações importantes para a aquisição de habilidades para as corridas de velocidade. Já para a Categoria da interação foi possível observar um agir participativo.

5.2.3 Salto em distância

AULA 3: Tema: Salto em distância

Duração: 50 minutos.

- Objetivos: - Conhecer as fases do salto em distância. Vivenciar jogos de saltos.*
- Conhecer técnicas do salto em distância.*

Metodologia:

(Transcendência de limites pela experimentação)

Nesta etapa, os alunos têm o primeiro contato com a modalidade, trazendo suas experiências que podem ser compartilhadas experimentadas através da manipulação dos materiais. O professor deve lançar perguntas aos alunos, sugerindo que comentem suas percepções.

Atividade 1: Jardim de saltos: Dispor uma variedade de objetos (caixas, steps, cones, colchonetes) numa zona demarcada. Os alunos se movem livremente pelo espaço, saltando os objetos. Ao sinal do professor muda-se a forma de saltar (salto norma, com os dois pés juntos, de um pé só).

(Transcendência de limites pela aprendizagem)

Explicar as fases do salto em distância e perguntar aos alunos que capacidades físicas são importantes para realizar o salto.

Atividade 2: Descobrimo a perna de impulsão: Pedir que os alunos saltem de um ponto determinado, dando impulso com a perna direita e depois a esquerda.

(Categoria do trabalho – Competência objetiva)

Explicar que temos uma perna de impulsão, que oferece mais potência no impulso. Pedir para que identifiquem que perna é esta.

Atividade 3: Corrida de aproximação: Após identificarem a perna de impulsão, devem realizar a corrida e o salto. O professor deverá indagar: Se estão saltando perto da marca de impulsão; Se estão chegando com máxima velocidade antes de realizar a impulsão; (Categoria do trabalho – Competência comunicativa).

Por que é importante acelerar na corrida de aproximação?

Atividade 4: Fase de voo: Dois alunos seguram uma corda. Os arcos demarcam o ponto de início do salto e ponto de aterrissagem. Trabalhar fase de voo e a queda.. Explicar que é necessário ganhar um pouco de altura na fase aérea para que se obtenha maior distância.

Discussão das atividades realizadas (Categoria da linguagem): Sugerir que os alunos relatem as dificuldades e êxitos encontrados.

(Transcendência de limites criando)

Atividade 5: quebrar o recorde mundial do salto em distância

Realizar os saltos marcando a distância saltada pelos alunos.

Materiais: Cones, corda, arcos.

Referências: KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógico do esporte. Ijuí, RS:

Unijui, 1994. 152p.

Desenvolvimento da aula:

A terceira aula teve como tema salto em distância. O arranjo material foi feito com um pedaço de barbante, arcos e cones. Para a etapa de Transcendência de limites pela experimentação foi apresentada uma atividade chamada Jardim de saltos. Com diversos materiais dispostos pelo espaço (arcos, cones, caixas) os alunos corriam livremente pelo espaço saltando os objetos e ao sinal do professor deveriam mudar a forma de saltar (um pé só, dois pés juntos). Foi um momento de manipulação dos materiais ao mesmo tempo que suas experiências sobre como saltar eram estimuladas. Na etapa de transcendência de limites pela aprendizagem foi apresentado as fases do salto em distância. Primeiro foi pedido que saltassem dando impulsão com a perna esquerda, em seguida com a perna direita para descobrir sua perna de impulsão. Nessa parte da aula, muitas alunas estavam com certo temor de saltar, mas conseguiram saltar com a altura da corda um pouco mais baixa. Em seguida foi realizada a corrida de aproximação juntamente com o salto e lhes foi

perguntado se estavam chegando com máxima velocidade ao ponto de impulsão. Ao que alguns responderam que não podiam ir muito rápido porque o espaço era muito reduzido.

Figura 2 – Aula de salto em distância



Em seguida foram colocados cones no ponto onde deveriam dar impulsão e no ponto onde deveriam aterrissar. Foi explicado que é preciso ganhar um pouco de altura para que se possa saltar mais longe. Para a etapa de transcendência de limites criando, os alunos realizaram a sequência completa do salto, marcando a distância do seu salto. Foi possível observar que os alunos conseguiam realizar o salto com facilidade, mas que se sentiam menos motivados pelo espaço reduzido, o que os impedia de correr mais, e saltar mais longe. Sobre as perguntas feitas, os alunos sempre respondiam, mostrando que estavam envolvidos com a atividade. Segundo Kunz (1994) para o desenvolvimento da proposta crítico-emancipatória, a competência comunicativa exerce um papel decisivo, pois saber se comunicar e entender a comunicação dos outros é um processo reflexivo, o que estimula o pensamento crítico.

5.2.4 Arremesso do peso

AULA 4:Tema: Arremesso do peso

Duração: 50 minutos.

Objetivos:- Realizar movimentos básicos da modalidade

- Vivenciar atividades de arremesso*
- Identificar a diferença entre arremesso e lançamento*
- Metodologia:*

(Transcendência de limites pela experimentação)

Atividade 1: Divididos em duplas, os alunos devem arremessar um para o outro os materiais (bolas de tamanhos variados, cones, pesos). (Categoria do trabalho – competência objetiva). Atividade 2: Ainda em duplas, os alunos devem arremessar o implemento no local determinado. (Categoria do trabalho - Competência objetiva).

Discussão sobre as dificuldades, os melhores materiais para arremessar, as melhores formas de arremessar. (Categoria da linguagem). (Transcendência de limites pela aprendizagem)

Atividade 3: Técnica do arremesso: Pedir para que os alunos realizem o arremesso estático, onde o corpo fica perpendicular ao local do arremesso, fazendo um movimento de pêndulo e em seguida arremessando o peso. Explicar a forma de empunhadura do peso, que é feito com a ponta dos dedos encostando o peso no pescoço. (Categoria do trabalho- competência objetiva).

Atividade 4: Com a turma dividida em dois grupos, serão definidas zonas com pontuações diferentes pelo espaço.

Práticas em grupo afim de atingir metas. Nessa atividade, o grupo deve vencer o desafio, tentando realizar o arremesso com mais precisão. (Transcendência de limites criando)

Atividade 5: Ainda em grupos, deverão realizar o arremesso do implemento no local determinado.

Conversa final com a turma sobre as percepções, dificuldades, êxitos.

Materiais: cones, arcos, bolas de diferentes tamanhos.

Referências: KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógico do esporte. Ijuí, RS: Unijui, 1994. 152p.

Desenvolvimento da aula:

A quarta aula foi sobre arremesso do peso. O arranjo material foi feito com as bolas disponíveis na escola. Ao todo 6 bolas, 3 de vôlei, 3 de futebol (sendo duas menores semelhantes ao peso oficial). De início, divididos em duplas, os alunos arremessavam a bola de um para o outro, depois deveriam arremessar no ponto onde estava o arco, essa portanto se tratava de uma etapa de manipulação dos materiais. Quando perguntado qual material era mais fácil de manipular, houve respostas variadas. Na etapa de transcendência de limites pela aprendizagem, foi apresentada a técnica do arremesso, explicando a empunhadura do peso e o posicionamento das pernas. Os alunos tiveram dificuldades porque algumas bolas eram muito grandes, contudo, ainda conseguiram realizar o arremesso fazendo um pequeno balanço. Para a etapa de transcendência de limites criando, as atividades estimulavam zonas de pontuação para o arremesso do peso, onde a turma conseguiu realizar o arremesso de forma eficiente. Portanto, houve uma ressalva para a Competência objetiva, no que Kunz (1994) explica como sendo uma forma do aluno se qualificar para atuar de acordo com suas possibilidades, onde passa a conhecer estratégias para agir de forma competente.

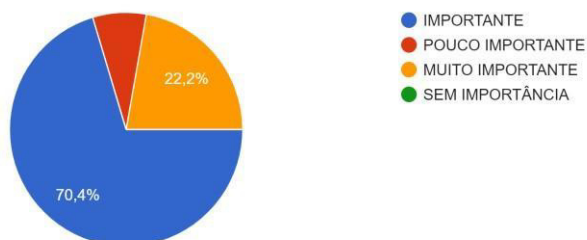
5.3 O QUESTIONÁRIO

A aplicação do questionário teve por objetivo avaliar as aulas desenvolvidas pensando nos princípios da abordagem crítico-emancipatória. Dessa forma, foi questionado aos alunos o nível de importância do conteúdo Atletismo, conforme o seguinte gráfico 1:

Gráfico 1: Nível de importância do conteúdo Atletismo.

4° Você considera ter o Atletismo nas aulas de Educação Física?

27 respostas



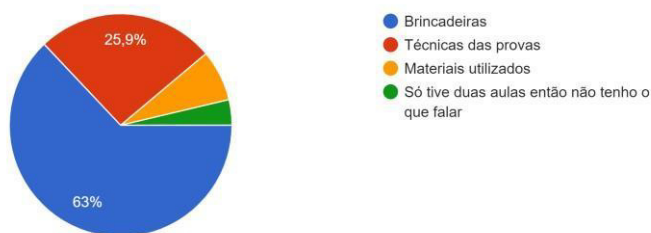
Foi possível perceber que cerca de 92,6% da turma considera importante ou muito importante ter aulas de Atletismo, fato que se torna mais expressivo devido às respostas da 9ª questão, que versava sobre os benefícios percebidos a partir das aulas. A resposta do aluno 20: “Mais vontade de se exercitar e voltar a praticar algum esporte que há tempos não pratico” e aluna 5: “Me deram mais incentivo para fazer as atividades físicas, aprendi mais sobre atletismo, e vi que dá pra aprender sobre um conteúdo de maneira divertida e legal”. Portanto, pelos comentários dos alunos ficou perceptível a importância que deram a um conteúdo novo. Podemos atribuir esse sentimento de aceitação para com um conteúdo novo, devido ao fato das aulas terem conteúdos repetidos (futebol, vôlei) durante toda a vida escolar. Além disso, é importante ressaltar que, quando perguntados sobre o que mais gostaram nas aulas (Gráfico 2), 63% pontuaram as brincadeiras e 25, 9% as técnicas das provas, comprovando que a proposta de desenvolver atividades lúdicas para construir uma aproximação com um conteúdo novo pode ser bastante efetivo. Como aponta Nascimento (2010, p. 106):

No desenvolvimento das experiências de aprendizagem, um dos fatores determinados é o método de ensino utilizado pelo professor, no entanto, há que ser considerado também a existência do método do aluno e o método do conteúdo ou do conhecimento a ser tratado. Portanto, vale dizer que dependendo das circunstâncias o professor pode lançar mão de diferentes estratégias de ensino para alcançar seus objetivos educacionais.

Gráfico 2: O que mais gostou nas aulas?

7° Do que você mais gostou nas aulas?

27 respostas

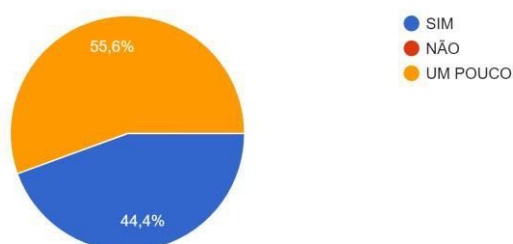


Sobre a metodologia trabalhada nas aulas, foi perguntado se as aulas contribuíram para estimular a capacidade criativa, reflexiva e crítica (ver Gráfico 3), onde 100% atribuíram SIM e UM POUCO à questão, revelando que no discurso as aulas conseguiram incentivar os alunos a refletir sobre a prática em questão. Outra questão perguntava se as indagações feitas ajudaram a compreender melhor o tema da aula, cerca de 96% responderam que SIM ou UM POUCO, ressaltando que a estratégia de estimular principalmente a categoria da linguagem é um ponto chave para que os alunos participem do processo de ensino-aprendizagem de forma ativa.

Gráfico 3: As aulas estimularam sua capacidade criativa, reflexiva e crítica?

5° As aulas contribuíram para estimular sua capacidade criativa, reflexiva e crítica?

27 respostas

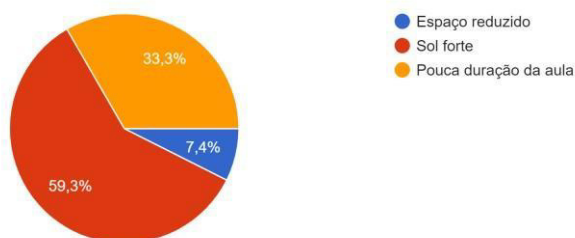


Sobre o que menos gostaram nas aulas, foi possível identificar que a infraestrutura da escola é um problema para a vida dos estudantes, pois 59, 3% responderam que o sol forte foi o que menos gostaram, como mostra o gráfico 4:

Gráfico 4: O que menos gostou nas aulas?

8° Do que você menos gostou nas aulas?

27 respostas



Contudo, ainda foi pontuado também o espaço reduzido 33,3% como um fator para gostar menos das aulas. A partir disso, pode se refletir que apesar dos esforços do professor para organizar uma prática docente de qualidade, se torna ainda mais importante que a comunidade escolar compreenda o seu direito de ter um espaço adequado para as aulas de educação física.

De acordo com Kunz (1994, p. 150), a sistematização de conteúdos deverá ser “muito flexível para atender a falta ou a existência de locais e materiais específicos. Mas deve também, abrir espaços para os profissionais da área poderem lutar pela melhoria das condições de trabalho”. Outra questão versava sobre qual aula os alunos mais gostaram, como pode se verificar no gráfico 5:

2° Qual tema apresentado você mais gostou?

27 respostas

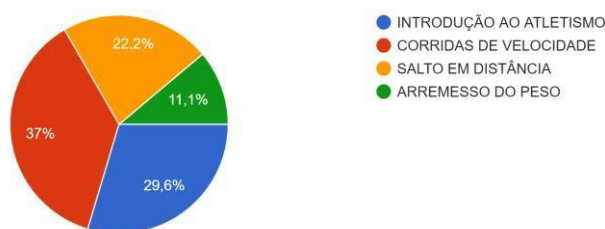


Gráfico 5: Aula que mais gostou?

Cerca de 37% apontaram a aula de corridas de velocidade como a que mais gostaram, 29,6% a aula teórica de Introdução ao Atletismo, 22,2% a aula de Salto em distância e 11,1% optaram pela aula de Arremesso do peso. A preferência pela aula de corridas se deve aos jogos propostos durante a aula, pois de acordo com Oliveira (2006, p. 38):

Os jogos podem influenciar significativamente na construção do conhecimento sendo uma fonte de prazer e descoberta. É preciso ver o jogo como uma atividade que faz parte do cotidiano do aluno, sendo um elo com a aprendizagem, pois o jogo é uma atividade espontânea do ser humano, a proposta de jogar para aprender e não aprender para jogar compreende objetivo e não repetir fundamentos específicos deles.

Com isso, transformando o jogo em instrumento pedagógico, foi possível transformar o Atletismo, construindo atividades pedagógicas mais prazerosas para os estudantes. Os principais resultados obtidos apontam que os estudantes atribuíram que é importante aprender Atletismo nas aulas de Educação Física, e que a metodologia utilizada foi eficaz para estimular o pensamento crítico e reflexivo, assim como as brincadeiras e jogos contribuíram para tornar as aulas mais divertidas.

6. CONCLUSÃO

Pode-se concluir que os objetivos do presente trabalho foram alcançados, visto que propunha como objetivo geral aplicar uma proposta de ensino do conteúdo Atletismo com base nos pressupostos da abordagem Crítico-Emancipatória. Assim, se tratando também dos objetivos específicos, que sugeriam a estruturação da unidade didática, a descrição do processo de implementação da proposta e a avaliação das aulas desenvolvidas, a partir dos dados discutidos, é possível concluir que o *feedback* em relação à proposta de ensino foi bastante positivo, tanto em relação ao que foi observado nas aulas quanto pelas respostas identificadas através do questionário. É importante ressaltar os problemas encontrados na infraestrutura da escola, uma realidade de muitas escolas do país, que dificultou o desenvolvimento deste estudo. A unidade didática elaborada teve como base fundamental a abordagem crítico-emancipatória e provou a possibilidade de se ministrarem aulas de Atletismo. Importante ressaltar que se trata de um programa flexível, que atendeu aos estudantes apesar da falta de local e materiais específicos, pois como afirma Iora (2010, p.15) “não se pode pensar em uma sistematização sem as condições mínimas de trabalho”. Assim, essa proposta de organização do

Atletismo enquanto conteúdo da Educação Física, embasada por uma abordagem teórica, buscou promover a reflexão de que o ato pedagógico acontece unindo teoria e prática de forma sistematizada. Dessa forma, torna-se necessário a construção de outras propostas de sistematização, com foco nas diversas manifestações da cultura corporal de movimento, para que de fato exista um programa mínimo de ensino da Educação Física.

REFERÊNCIAS

- BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na escola: mas é só isso, professor. **Motriz**, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.
- BETTI, Mauro. ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física Escolar: Uma Proposta de Diretrizes Pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, 2002.
- BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Papirus Editora, 1998.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno CEDES: Corpo e Educação**, n.48, p.69-88, 1999.
- Caparroz, Francisco Eduardo, and Valter Bracht. "O tempo e o lugar de uma didática da educação física." *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* 28.2 (2007): 21-37.
- CUNHA, M.I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.**, v.23, n.1-2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010&lng=pt&nrm=iso>.
- T, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. *Revista Brasileira de Ciências do DALFOVO*, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A.. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, v. 2, n. 3, p. 1-13, 2008.
- DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola: questões e reflexões – [reimpr.]**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DARIDO, Suraya Cristina et al. Educação física no ensino médio: reflexões e ações. **Motriz**, v. 5, n. 2, p. 138-145, 1999.
- DARIDO, SURAYA CRISTINA. **A educação física na escola e a formação do cidadão**. Rio Claro. Guanabara, Koogan, 2003.
- DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da Educação Física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan (2005): 64-78.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- GÓES, Flávia Temponi; VIEIRA JÚNIOR, Paulo Roberto; OLIVEIRA, Pâmela Aparecida Silva. Algumas reflexões sobre a inserção e o ensino do atletismo na

educação física escolar. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 13, n. 1, 2014.

IORA, Jacob A; SOUZA, Maristela S: propostas crítico-superadora e crítico-emancipatória em aulas de educação física: realidade e possibilidade. 11, 12,13 E 14 de abril de 2011, UFSC Florianópolis. SC Brasil.

IORA, Jacob Alfredo. O atletismo como conteúdo da educação física escolar: organização de aulas a partir da proposta crítico-emancipatória e didático comunicativa. 2010.

Iora, Jacob Alfredo. *Propostas Pedagógicas para a Educação Física: a abordagem Crítico-Superadora e Crítico-Emancipatória 20 anos após suas sistematizações*. MS thesis. Universidade Federal de Pelotas, 2012.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ed. UNIJUI, 1994.

KUNZ, Elenor; SOUSA, Maristela. Atletismo. In: KUNZ, Elenor (org.). **Didática da Educação Física 1**. 4. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. p. 55-60.

MARQUES, Carmen Lúcia da Silva; IORA, Jacob Alfredo. Atletismo escolar: possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e métodos em aulas de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 103 - 118, abr. / jun. 2009.

MATTHIESEN, SARA QUENZER. **Atletismo se aprende na escola**. Ed Física, Esporte, Saúde, 2005.

MEZZAROBA, C. et al. **A visão dos acadêmicos de Educação Física quanto ao ensino do atletismo na escola**. <http://www.efdeportes.com/efd93/atlet.htm/> Revista DigitalBuenos Aires, v. 10, 2006.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NASCIMENTO, Marilândia. Contribuições da Inclusão do Atletismo no Currículo Escolar do Ensino Fundamental. **Revista Ágora**. Curitiba, v.17, n.2, 94-108, 2010.

OLIVEIRA, Maria Cecília. **Mariano de. Atletismo escolar: uma proposta de ensino na educação infantil**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

SILVA E. V. M, GEMENTE F. R. F, GINCIENE G, DANIEL J. C, MATTHEISEN S. Q. O atletismo (ainda) não se aprende na escola? Revisitando artigos publicados em periódicos científicos da educação física nos últimos anos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 1111- 1122, out./dez. de 2015.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, Celi NZ; VARJAL, E. FILHO, LC; ESCOBAR, MO; BRACHT, V. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, Carmen Lucía. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, n. supl. 2, p. 6-12, 2017.

TANI, G .et al (1988). **Educação física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15.ed. São Paulo: Cortez, 2007. 132 p.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, 2005.

ANEXOS**ANEXO 1 -****UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES – IEFES****Questionário:**

Você está sendo convidado a responder o seguinte questionário referente ao projeto de pesquisa: **O atletismo na escola: uma experiência pedagógica a partir da abordagem crítico-emancipatória. O seguinte documento tem por objetivo identificar suas experiências com a modalidade do atletismo, portanto não há respostas certas ou erradas.**

1.Sexo: () Masculino () Feminino

2. Idade:

3. O que você entende por Atletismo?

4. Você já tinha estudado sobre o Atletismo antes? () Sim () Não 5. Se você já estudou o Atletismo, como eram as aulas?

6. O que você aprendeu/conhece sobre corridas?

7. O que você aprendeu/conhece sobre saltos?

8. O que você aprendeu/conhece sobre arremessos e lançamentos?

9. Você considera o Atletismo uma modalidade importante? Se sim, por quê?

10. Você gostaria de aprender mais sobre o Atletismo? () Sim () Não

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO FINAL

1º O que você achou das aulas de Atletismo?

- Bom
- Ruim
- Regular
- Ótimo

2º Qual tema apresentado você mais gostou?

- Introdução ao Atletismo/ aula 1
- Corridas de velocidade/ aula 2
- Salto em distância /aula 3
- Arremesso do peso/ aula 4

3º Você gostaria de ter mais aulas de Atletismo?

- Sim
- Não
- Talvez

4º Você considera ter o Atletismo nas aulas de Educação Física:

- Muito importante
- Pouco importante (
- Importante
- Sem importância

5º As aulas contribuíram para estimular sua capacidade criativa, reflexiva e crítica ?

- Sim
- Não
- Um pouco

6º As aulas contribuíram para ampliar seu conhecimento sobre Atletismo?

- Sim
- Um pouco
- Não

7º Do que você mais gostou nas aulas?

- Brincadeiras
- Técnicas das provas
- Materiais utilizados

Outros

8° Do que você menos gostou?

Espaço reduzido

Sol forte

Pouca duração da aula

Outros

9° Quais benefícios você acha que as aulas lhe proporcionaram?

10° As perguntas feitas durante as atividades ajudaram a compreender melhor o conteúdo da aula?

Sim

Não

Um pouco

ANEXO 3– ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como participante da pesquisa: **“O ATLETISMO NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA A PARTIR DA ABORDAGEM CRÍTICO EMANCIPATÓRIA”**. Nesse estudo pretendemos aplicar a proposta de ensino da abordagem crítico emancipatória, sendo esse tema inserido nas aulas de Educação Física. Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): as aulas serão planejadas previamente para cada modalidade, que serão distribuídas em 6 aulas dentro da grade das aulas de Educação Física. Cada aula terá um tema diferente (Introdução ao Atletismo, corridas de velocidade, salto em distância, salto com vara, lançamento do dardo e arremesso do peso), tendo como base a didática comunicativa da abordagem crítico emancipatória. Após a realização da última aula será realizado um breve questionário estruturado pelo pesquisador e orientador, será mantido total sigilo de identificações para que seja garantido o anonimato. Esse questionário tem como finalidade coletar impressões dos alunos a respeito do desenvolvimento das aulas. As informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com sigilo e confidencialidade. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Fortaleza, ____ de _____ de 2019.

 Marieta Sales de Lima
 Pesquisadora

Orientador Responsável: Prof. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Fortaleza, ____ de _____ de 20____ .

 Assinatura do(a) menor

 Assinatura do(a) responsável